



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias   |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **A forma do temporário: Aspectos metodológicos do estudo dos grandes eventos de rua**

*The shape of the temporary: Methodological aspects of the study of great street events*

*La forma del temporario: Aspectos metodológicos en el estudio de los grandes eventos de calle*

PAZ, Daniel Juracy Mellado (1)

(1) Professor Mestre, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil; email: danielmelladopaz@hotmail.com

## **A forma do temporário: Aspectos metodológicos do estudo dos grandes eventos de rua**

*The shape of the temporary: Methodological aspects of the study of great street events*

*La forma del temporario: Aspectos metodológicos en el estudio de los grandes eventos de calle*

### **RESUMO**

Este artigo apresenta o desenvolvimento de ferramentas metodológicas para o estudo dos espaços construídos temporários nos grandes eventos de rua, a partir da experiência do PEC - Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador – iniciativa realizada entre 1999 e 2004 em Salvador (BA). Escolhemos o conjunto de festejos relacionados a Yemanjá, orixá das águas, que se comemora no dia 2 de Fevereiro no bairro do Rio Vermelho. Para descrever a estrutura espacial de um evento que, apesar do porte, apresentava-se um tanto amorfo, extrapolamos os conceitos de *envoltória* e *portais*, elaborados pelo PEC, a partir dos conceitos de Erwing Goffman de *ocasião social*, *ethos* e *situação*, identificando fenômenos que denominamos de *orientação*, *atrações* e *zonas de atrações*. Dessa maneira não apenas a estrutura espacial, como também as etapas e fases do evento se tornam claros.

**PALAVRAS-CHAVE:** eventos de rua, arquitetura efêmera, espaço público, metodologia

### **ABSTRACT**

*This paper presents the development of methodological tools to study the temporary built environment in big street events, from the experience of PEC – Plan of Physical and Environmental Organization of the Carnival of Salvador - initiative taken between 1999 and 2004 in Salvador (BA). We chose the set of celebrations related to Yemanjá, afro-brazilian goddess of the waters, which is celebrated on February 2 at Rio Vermelho Salvador. To describe the spatial structure in an event that was amorphous, despite the size, we extrapolate the concepts of envelopment and portals - established by the PEC -, from Erwing Goffman's concepts of social occasion, ethos and situation, identifying phenomena we have called orientation, attractions and attractions zones that makes clear not only the spatial structure of the event but its stages and phases.*

**KEY-WORDS:** street events, ephemeral architecture, public space, methodology

### **RESUMEN**

*Este texto presenta el desarrollo de herramientas metodológicas para el estudio de los espacios construidos temporarios en los grandes eventos de calle, arrancando de la experiencia del PEC – Plan de Estructuración Físico-Ambiental del Carnaval de Salvador – iniciativa hecha entre 1999 y 2004 en Salvador (BA). Elegimos el conjunto de fiestas relacionados a Yemanjá, diosa afro-brasileña de las aguas, que se celebra en el día 2 de Hebrero en el barrio de Rio Vermelho. Para describir a la estructura espacial de un evento que, aunque de gran tamaño, se presentaba sin una forma clara, extrapolamos los conceptos de envoltória y portales, establecidos por el PEC, a partir de los conceptos de Erwing Goffman de ocasión social, ethos y situación, identificando fenómenos que denominados de orientación, atracción y zonas de atracción. Con estos, se aclara la estructura espacial y también las etapas y fases del evento.*

**PALABRAS-CLAVE:** eventos de calle, arquitectura efímera, metodología

## 1 INTRODUÇÃO

O problema aqui enfrentado é o estudo dos eventos de rua. É estranho pensarmos que o *evento* tenha que ser compreendido de maneira análoga ao *espaço*. Em verdade, a distinção está entre o espaço construído *permanente*, ou pensado para assim sê-lo, e os espaços construídos *temporários*. Estes são pautados muitas vezes por demandas contrárias àquelas a que são submetidos os edifícios usuais (PAZ, 2007; 2012).

Relacionada com isso está a descrição de mecânicas muito singulares. Instrumentos metodológicos afinados para certos lugares transitórios não raro se revelam de árdua aplicação em outros. E estas, em sentido contrário, obrigam a elaborar novas ferramentas para apenas poder dar conta de entendê-las.

Partimos da experiência do PEC - Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador – iniciativa capitaneada pelo falecido Prof. Manoel José Ferreira de Carvalho, entre 1999 e 2004, em convênio entre a Faculdade de Arquitetura da UFBA e a Prefeitura Municipal de Salvador. A partir do estudo de eventos significativos de Salvador (BA) procuramos refinar tais ferramentas. Escolhemos o conjunto de festejos relacionados a Yemanjá, deusa das águas no panteão afro-brasileiro, que se comemora no dia 2 de Fevereiro no bairro do Rio Vermelho, que doravante denominaremos apenas *2 de Fevereiro*<sup>1</sup>.

Ao falar de um *evento de rua* nos referimos a uma área específica da cidade, ocupada temporariamente por uma dada população, sob rotina radicalmente distinta do usual, apoiada em uma estrutura física modificada a partir das construções preexistentes<sup>2</sup>.

O evento de rua possui um *território*, uma seção da cidade, porém um todo para termos do evento. O mega-evento, em geral, tem bordas claras quando se usam conjuntos edificadados específicos, a exemplo da *Oktoberfest* em Blumenau (SC) no Parque Vila Germânica, ou o Desfile das Escolas de Samba no Sambódromo, no Rio de Janeiro (RJ). Estes possuem repercussões no entorno imediato e em lugares pontuais da cidade, descontínuos ao evento principal. Mas não apresentam o grau de dispersão e imprecisão dos eventos que ocorrem nas ruas da própria cidade<sup>3</sup>. Como o evento tem um início, um fim e fases próprias, mesmo seu perímetro geral pode oscilar ao longo de sua duração.

<sup>1</sup> O 2 de Fevereiro é entendido como parte do atual ciclo das *festas de largo*. É um herdeiro, do complexo festivo que ocorria no veraneio nos arrabaldes da cidade, depois incorporados à tessitura urbana. No apogeu desse ciclo, o 2 de Fevereiro era ainda atividade marginal, e o Rio Vermelho se animava seguindo outras datas, com outras festividades, hoje praticamente extintas. Esse rico complexo de festejos se desfez e se concentrou em um punhado de festas que, por sua vez, há muito transcenderam o “largo” e se tornaram grandes eventos de rua.

<sup>2</sup> A definição para os mega-eventos de rua do PEC os tinha como:

(...) as atividades de natureza efêmera cuja realização impõe a ruptura da dinâmica urbana cotidiana de um lugar, do entorno, de toda a cidade, quando não da região. Congrega grande público, ocupando ruas, avenidas, praças, parques, praias e espaços abertos da cidade, com impactos na circulação de veículos, acessibilidade às edificações e, de modo geral, no padrão de desempenho dos serviços públicos e de infraestrutura urbana. (EMTURSA, 2000).

<sup>3</sup> Os eventos de rua se dão nas ruas. Mas é preciso detalhar essa situação. Uma corrida de *stock car*, como as que ocorrem desde 2009 no Centro Administrativo de Salvador, ocupa o leito carroçável, e loca os espectadores nas suas laterais e canteiros. Corridas similares, como o Grand Prix de Mônaco, reforçam o caráter veicular das vias e estabelecem sua operação de modo rigoroso. Em maratonas, são os corredores. No que chamaremos de *desfiles*, a rua é passarela de carros alegóricos e similares que fazem um percurso para serem vistos por uma platéia à margem do circuito. Distingue-se do *cortejo*, onde qualquer um pode agregar-se ao conjunto de pessoas que estão fazendo o percurso. No desfile, há distinções funcionais claras, que se materializam em sua distribuição segregada no espaço; no cortejo, as funções são ambíguas e suas fronteiras, incluindo as físicas, permeáveis. Nas

Também terá uma rotina distinta, um *cotidiano* próprio, coeso internamente e previsível em contornos gerais. Reiterado, se mantém estável porque o evento apresenta uma *historicidade* também própria: *interna*, ostensiva quando perdura por dias, a exemplo dos Carnavais de Salvador e de Olinda (PE), e *externa*, de uma *edição* a outra<sup>4</sup>. De um ano a outro não há variações substanciais que impeçam o seu participante – gestor, comerciante, folião – de participar usando o arcabouço do conhecimento adquirido em edições anteriores.

Possui uma *população*. Na maioria das vezes, gente que aflui a esse território, incrementando, por um período dado, o número total de indivíduos presentes. Em certos casos há uma verdadeira substituição. Os visitantes habituais – a exemplo de uma área comercial – deixam de ir, e mesmo moradores – como em áreas residenciais – literalmente emigram enquanto o evento dura. Essa população aceita e reforça esse cotidiano extemporâneo, em *papéis* diferentes.

Esse novo cotidiano se apresenta com uma *estrutura de ações* característica, pautada por regras escritas e não-escritas, algumas em constante adaptação, não sem conflitos e desacordos. Possui ainda uma *estrutura de objetos*, em alguma medida afim às ações. Todo evento requer a adaptação da preexistência edificada (PAZ, 2012; 2013). No caso de uma cidade consolidada, temos transformações como vedações, extensões, novas construções, etc.

O evento possui uma *duração*. As ações se iniciam, têm seu apogeu e declinam, até se encerrarem, dando vez ao cotidiano usual do lugar. Quando a população é exógena, ela retorna aos seus sítios de origem, ou melhor, ao seu movimento pendular usual do lar ao trabalho, fora do cotidiano extemporâneo do evento. No entanto, os objetos têm uma inércia que as ações – que são extensões intrínsecas da população – não têm. Não há sincronia entre o sistema de objetos e o sistema de ações. Os objetos são mobilizados, usados e desmobilizados, com maior antecedência e alguma permanência. Essa discrepância é constitutiva dos grandes eventos (PAZ, 2013). Ademais, o evento possui partições internas. Raramente são monolíticos, a ponto de serem homogêneos e apresentarem somente um ciclo claro de início, zênite e ocaso. Possuem, no geral, etapas mais demarcadas, e focos distintos, não raro com ritmos próprios.

Nos tópicos seguintes, exporemos os instrumentos conceituais, as formas de analisar a estrutura espacial e as fases do evento.

## 2 OS INSTRUMENTOS CONCEITUAIS

Um aspecto fundamental dos eventos, e uma adaptação necessária dos instrumentos metodológicos, torna-se visível quando adotamos a constituição do espaço em camadas proposta por Edward Hall (2005), reconhecendo aquela de características fixas (como a pavimentação e os edifícios), a de características semi-fixas (a exemplo dos móveis) e a “informal”, a complexa coreografia das ações humanas, aquilo que Hall chamará de *proxêmica*, mas que inclui, ainda, o que Birdwhistell (1970) denomina de *cinésica*.

---

festas de largo é o folião é quem ocupa o leito carroçável. E, não raro, as calçadas – lugar do pedestre no cotidiano – se vêem ocupadas com o comércio e serviços do festejo (PAZ, 2013).

<sup>4</sup> O termo “edição” pinçamos de eventos formais, como congressos científicos e competições esportivas, que possuem uma organização mais centralizada. Serve para nosso intento, em especial para aqueles eventos de rua cujo período é anual.

O estudo dos ambientes construídos permanentes pode deixar de lado as atividades humanas por que elas estão entranhadas, metonimicamente, nas coisas estudadas. Louças sanitárias caracterizam o espaço do “sanitário”, e o rol das atividades humanas estão implícitas nesse ambiente assim cristalizado. Porém, nos espaços temporários, não. Os elementos semi-fixos são tremendamente móveis e, sobretudo, tênues em muitas situações; serão os aspectos proxêmicos os determinantes na natureza do fenômeno. Muitas vezes a dinâmica interna de um evento se dá por elementos mínimos, meros como indutores das ações – como guias e barricadas, bandeiras, um pequeno carro de som – e mesmo aspectos intangíveis, imateriais – como iluminação e som mecânico. Na maioria das vezes são, de fato, *ambientes sensoriais* (THIBAUD, 2005)<sup>5</sup>, até pelo papel determinante das *tecnologias ambientais não-confinadas* (PAZ, 2012)<sup>6</sup>. Em vários eventos o uso das tecnologias ambientais não-confinadas estabelece *regiões sensoriais* – mais claramente, a área de alcance do som mecânico, mas também a visibilidade de certas performances – que se sobrepõem a todo momento. Aqui, ademais, o *apinhamento* – fenômeno central nos estudos comportamentais – é um aspecto essencial; a multidão reduz o alcance da visão, a mobilidade e o espaço pessoal e é inescapável para quem deseja estar ou chegar a certos lugares em certas ocasiões, em especial no ápice da festa.

Ao contrário do Carnaval, cujas estruturas de camarotes privados, arquibancadas públicas e postos de serviço estatais se iniciam até 40 dias antes do evento (PAZ, 2013), o 2 de Fevereiro – evento de um dia apenas – ocorre com baixíssimo grau de dedicação do espaço construído sobre o qual se assenta<sup>7</sup>. Já que o grau de intervenção é limitado pelo tempo de montagem e desmontagem das estruturas temporárias. Apóia-se em um ambiente movediço composto essencialmente por pessoas, e objetos de pequeno porte.

Daí estudarmos a indissociável unidade formada pelo *ambiente* e pelo *comportamento*. Não é o espaço construído isoladamente, e nem poderia ser. No entanto, esse ponto de partida ainda não é suficiente. Em muitos eventos não se encontra a *unidade ecológica* tal como apresentada por Roger Barker (1968), com a sinomorfia entre objetos e ações e, sobretudo, clara delimitação. Para este fenômeno molar, os limites precisam ser estáveis, e possuir um certo “exoesqueleto” físico. Isso não ocorre integralmente num festejo desse tipo. Como se verá, as bordas, além de tênues, são ambíguas. Não falamos de recintos estanques, mas de atividades que oscilam momento a momento. No entanto, o 2 de Fevereiro é

<sup>5</sup> O ambiente sensorial é fundamental no comportamento em eventos. Os efeitos da luz estroboscópica são imprescindíveis para as discotecas, como a música eletrônica é indissociável das *raves*.

<sup>6</sup> Desenvolvimento da idéia de *tecnologia do ambiente bem-temperado* (BANHAM, 1984). Reyner Banham não distingue o emprego dessa tecnologia dentro de invólucros fechados, e mesmo herméticos – como arranha-céus e *shopping-centers* – daquela empregada em espaços abertos. Essa distinção é fundamental. No primeiro caso, o que permite a salubridade, e mesmo a habitabilidade dos mesmos. No segundo, eles acabam por constituir a impressão de um espaço, ou melhor, agirem como substitutivos energéticos das propriedades físicas da matéria.

Telefone: fala sem paredes.

Fonógrafo: *music-hall* sem paredes.

Fotografia: museu sem paredes.

Luz elétrica: espaço sem paredes.

Cinema, rádio, TV: sala de aulas sem paredes

(MCLUHAN, 1971: pag. 318).

Se o som e a visão de um palco condicionam o tamanho a platéia, esta pode ser substancialmente maximizada pela amplificação do som e a reprodução da imagem em telões, como ocorre em grandes *shows*.

<sup>7</sup> Há, evidentemente, alguma antecedência na construção. Nas construções com maior antecedência, cerca de uma semana. Para o mesmo tipo de edificação – inclusive os mesmos órgãos públicos – o calendário de montagem no Carnaval da cidade se iniciava 30 dias antes.

indiscutivelmente *algo*. Ele ocupa um lugar no espaço e, sobretudo sendo um evento, tem uma duração nítida no tempo.

A definição de *ocasião social*, de Erving Goffman, nos parece adequada para descrever a classe de fenômeno a que o 2 de Fevereiro pertence:

Quando as pessoas entram na presença imediata uma da outra, elas tendem a fazê-lo como participantes do que chamarei de *ocasião social*. Ela é um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitado por equipamentos fixos; uma ocasião social fornece o contexto social estruturante em que muitas situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido como o padrão apropriado e (freqüentemente) oficial – um “padrão de comportamento estabelecido”, para usar o termo de Barker. Exemplos de ocasiões sociais são uma festa social, um dia de trabalho num escritório, um piquenique, ou uma noite no teatro. (GOFFMAN, 2010, pag. 28)

Uma das propriedades importantes das ocasiões sociais é o *ethos*:

Cada classe destas ocasiões possui um *ethos* distintivo, um espírito, uma estrutura emocional que precisa ser criada, mantida e desfeita apropriadamente de forma que o participante perceba que ele é obrigado a ser tomado pela ocasião, independentemente de seus sentimentos pessoais. (GOFFMAN, 2010, pag. 29).

É o que se entenderia, usualmente, como o “espírito” de uma ocasião. Esse *ethos* pode ser descrito, para uma ocasião, em linhas gerais. Cada ocasião social abrange várias *situações*:

Com o termo *situação*, eu me referirei ao ambiente espacial completo em que ao o adentrar uma pessoa se torna um membro do ajuntamento que está presente, ou que então se constitui. As situações começam quando o monitoramento mútuo ocorre, e prescrevem quando a penúltima pessoa sai. Para enfatizar a existência total de qualquer unidade desse tipo, eu às vezes empregarei o termo *situação em geral*. (GOFFMAN, 2010, pag. 28).

Cada qual pode ter seu *ethos* particular, com sutis variações daquele geral, e mesmo ser radicalmente distinto<sup>8</sup>.

Essa ocasião social, o evento de rua, pode ter uma *forma* clara. Uma estrutura física e comportamental nítida, facilmente discernível para o leigo. E estas formas permitem, por sua vez, o desenho de uma tipologia pela qual classificamos os eventos<sup>9</sup>. O Termo de Referência do PEC (EMTURSA, 2000) identifica os *eventos de concentração* – tais como *shows*, *missas*, *comícios*, *concertos*, etc., - e os *eventos de fluxo* – como *desfiles*, *passeatas*, *maratonas*, etc<sup>10</sup>.

Essa forma geral do evento emerge evidente pela sua envergadura, diante da totalidade do evento, por alguns dos fatores abaixo, não necessariamente todos: o montante ou importância da população envolvida; a área abrangida; o tempo do evento ocupado; visibilidade; aparato mobilizado para sua realização e imediato reconhecimento como individualidade.

---

<sup>8</sup> Nesse período das “festas de largo”, embora ainda não com a estrutura do antigo ciclo dos arrabaldes, a cidade entra em um “clima” de festas de verão, cujo ápice é o Carnaval, e o 2 de Fevereiro opera como verdadeira prévia deste ponto culminante. Assim, existe um *ethos* global, da própria cidade.

<sup>9</sup> Embora forma seja um atributo mais facilmente identificável para entes concretos, lembremos que uma sinfonia possui uma forma – altamente estruturada, por sinal.

<sup>10</sup> No caso do Carnaval de Salvador, defende-se uma situação ambivalente de um evento de fluxo de palcos rodantes, ou seja, aspectos em comum com eventos de concentração.

No Carnaval de Salvador, apesar da constelação de festejos que ocorrem durante o período, é o desfile dos blocos fechados e cortejo dos blocos abertos<sup>11</sup>, em itinerários fixos, que confere a forma global do evento.

Existem eventos que possuem *formas compostas*, seguindo uma *programação*. Os festejos cívicos do 2 de Julho, em Salvador, pelas guerras de Independência, incluem cortejos oficiais com o Fogo Simbólico e com o Caboclo, *Te Deum* na Catedral Basílica, queima de fogos no Largo da Lapinha, homenagens, discursos, hasteamento de bandeiras, encontros de filarmônicas, entre outros. A própria possibilidade de assinalar etapas baseia-se na distinção destas e o ato de nomeá-las alude a atividades claramente diferentes. Pode ser uma programação contínua, mas pode, ainda, ser um conjunto de atividades distintas ocorrendo em paralelo, à maneira do Carnaval pernambucano, estruturado em torno de Olinda e Recife<sup>12</sup>. Como um todo, há uma heterogeneidade que é, por sua vez, constituída de formas nítidas de festejos.

Em tais eventos massivos, precisamos distinguir aquelas atividades coletivas em que poucos atos reúnem um grande contingente de pessoas – a exemplo de um grande *show*, como aqueles nas areias da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro (RJ), ou na Praça do Marco Zero, em Recife (PE) – daqueles que se multiplicam em centenas a milhares de pequenas reuniões de pessoas. Isso aparece naquelas situações que são primordiais no 2 de Fevereiro, os *rituais religiosos*. São atos pequenos, e mesmo breves, que ganham força pela sua multiplicação em área estreita e compacta. Ao contrário de uma missa campal, formato muito presente em grandes eventos religiosos. Algo assim ocorre, em uma escala um pouco menor apenas, na Lavagem do Bonfim, pontuando o início oficial do cortejo, com pronunciamentos ecumênicos ocorridos no adro da Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia, e seu término com a bênção do padre à multidão no largo defronte à Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Mas os rituais religiosos não são as situações que mais envolvem os presentes no 2 de Fevereiro. Temos ainda um conjunto sem forma explícita, bastante heterogêneo. A noção de uma forma simples – dada por uma atividade predominante – ou composta parecia esgarçar-se.

Os indivíduos estão distribuídos em torno de outro tipo de situação, que pode ser reunido sob o título de *atrações*. O termo vem do próprio uso cotidiano, que vai o fulcro do fenômeno<sup>13</sup>. Assim, com a atração temos alguma performance, presencial ou mecânica, que aglutina as

<sup>11</sup> Adotamos a terminologia do PEC (EMTURSA, 2000) que distingue duas formas de evento procissional: o *desfile*, onde há uma distinção funcional entre aqueles que se movimentam e os que apenas assistem; e o *cortejo*, onde todos podem fazer parte do fluxo.

<sup>12</sup> Vale a pena atentar que festejos com diferentes formatos se apresentam aí. Em Olinda o desfile de pequenas agremiações (blocos, troças, maracatus, entre outras). Em Recife, desfile de escolas de samba este ano na Av. Dantas Barreto, com versão local temporária do Sambódromo; no Pátio do Terço, o evento conhecido como Noite dos Tambores Silenciosos; no Recife Antigo, em praças e ruas grandes palcos para *shows*.

<sup>13</sup> Análogo ao esforço empreendido por Goffman, o que temos aqui é a depuração da linguagem usual, os termos vagos e cambiantes empregados para designar fenômenos que, reais, são percebidos coletivamente. Algo é, ainda, a depuração dos recursos empíricos efetivamente empregados pelos indivíduos presentes ao evento. Eles têm validade heurística, desde que convenientemente lapidados.

Se perguntarmos ao mesmo psicólogo, não como “psicólogo” mas, como ser humano comum como se dá com a esposa, ele provavelmente se prontificará a nos dizer que – salvo algumas exceções – ele e sua esposa são capazes de compreender o significado social do comportamento do outro. Se fossemos incapazes de perceber, de modo adequado e objetivo, a maioria das interações sociais com colegas e alunos, dificilmente teríamos permissão de continuar no *campus*. (...) Portanto, a observação social objetiva *deve* ser possível e o psicólogo deveria encontrar um meio de fazer, em ciência, o que qualquer criança normal de três anos faz na vida. (LEWIN, 1965, pag. 176).



peessoas. A metáfora subjacente da atração dos corpos, gravitacional ou magnética, é válida. Algo, na forma de um epicentro, pontilhado ou em desfile, provoca o adensamento humano em suas imediações.

A heterogeneidade real do 2 de Fevereiro se dá, inclusive, pela multiplicidade de tipos de atrações, sem o predomínio de uma delas – exceto os ritos religiosos, em local muito específico. No geral, podem se distinguir as atrações em estáticas e aquelas que operam em movimento. Neste caso, para as atrações em movimento, tínhamos cortejos diversos: com fanfarras tradicionais, pequenas bandas de percussão, foliões com camisas padronizadas em torno de pequeno equipamento de amplificação elétrica rodante. Entre as pequenas performances estacionárias: palcos abertos ao público, montados por estabelecimentos noturnos, com som mecânico, discotecagem e mesmo bandas; som mecânico dos bares do evento; som mecânico de veículos estacionados. Certas performances estacionárias são breves, ocorrendo na rua, sem requerer grande aparato, como rodas de samba e rodas de capoeira.

Existe uma mescla fundamental: certos ritos religiosos, em especial os afro-brasileiros, têm uma feição pública que, pela sua beleza e singularidade, acabam atraindo não-devotos como espectadores. O que é um culto religioso por mérito próprio, independente, ganha essa propriedade pela reação dos presentes. Ademais, não se deve negar ainda que o folião à rua possa ganhar um aspecto espetacular, e se tornar parte da atração global, ou uma atração à parte. O conjunto dos devotos na areia e rochedos, com suas oferendas, das tímidas às luxuosas, são também um espetáculo à parte – razão de ser de espectadores nas varandas dos imóveis adjacentes – no 2 de Fevereiro. Festas de largo, e suas versões contemporâneas hipertrofiadas, são palcos propícios para essa irrupção do irreverente e do extravagante, que pode mesmo ser a razão da presença de pessoas – como no 2 de Julho, em alguma medida no cortejo da Lavagem do Bonfim e no cortejo que segue o bloco *Mudança do Garcia*, dentro do Carnaval soteropolitano, onde a sátira política e a crítica explícita são razão de ser dos carros alegóricos, fantasias, faixas e cartazes.

O conceito de atração tem suas armadilhas. Em um *show*, a unidade comportamental é aquela formada pelo artista no palco e pelos seus espectadores na platéia. Em uma roda de samba, os espectadores, ademais, são sempre possíveis partícipes da dança, no centro vazio. A idéia de atração está obviamente relacionada com a de um evento menor que atrai pessoas – ou, invertendo, que é de tal natureza que interessa a pessoas que estejam ali circulando, com essa intenção explícita ou fortuitamente. Assim, em um *show*, a atração seria uma vivisseccção da unidade comportamental, descartando a platéia. Esse corte abrupto não se revelará daninho a esta investigação, mas não deixa de apresentar riscos.

Um outro complicador está em que a realidade pública do evento não é a sua face total. A realidade *coletiva* do evento não se manifesta por inteiro em sua face *pública*. Uma parte expressiva, em termo de foliões ou análogos, está em estruturas particulares, meio-período ou no tempo integral do evento. O festejo coletivo não implica somente no uso de espaços públicos. Qualquer descrição efetiva de tais eventos deve assinalar essa cadeia de festas e de interesses, de escalas e perfis variados.

Se o Carnaval de Salvador possui seus *camarotes* – em hotéis ou imóveis adaptados para esse fim ao longo do evento –, na Lavagem do Bonfim temos a faceta oposta, a constelação de atividades de pequeno porte que ocorrem no caminho, por foliões que sequer chegam à igreja, e aqueles que pontilham o caminho de volta, em almoços a portas abertas, com grupos de

amigos ao longo do dia. As festas de família “transbordam” do âmbito privado para as calçadas e ruas, com mesas e cadeiras. A vivacidade do ambiente dá testemunho dessa miríade de comemorações<sup>14</sup>.

### 3 A ESTRUTURA ESPACIAL DO EVENTO

#### ASPECTOS GERAIS DA ESTRUTURA

Como dito antes, nem todo evento tem sua estrutura interna clara.

Um início está na distinção entre aquilo que Goffman percebera sobre as ocasiões sociais: que elas podem ser chamadas de “recreativas”, ou “sérias”. A esse perfil geral denominamos *orientação*.

Evidentemente, existe a plêiade de papéis – vendedores, policiais, bombeiros, catadores de lata, etc. –, abrangendo uma miríade de indivíduos, que estão ali trabalhando, sustentando o lazer de outrem. Mas estão tributários a uma ocasião social claramente religiosa e recreativa<sup>15</sup>. O conceito de orientação, conquanto pareça óbvio, é profícuo.

A ocasião social em questão – o 2 de Fevereiro – tem uma orientação dúplice: a Devoção e a Festa. Essa ambivalência é importante, já que típica dos grandes eventos de rua nacionais, que nascem em boa medida de ritos religiosos. Devotos e foliões, ambos os papéis não se excluem mutuamente. Embora demarque limites, ao menos particulares, a exemplo do Bonfim, onde muitos se preservam até a benção e a água lustral; recebidas, podem consumir álcool e dançar.

Essa população apresenta *necessidades* coletivas que, em larga escala, se plasmam em edifícios e em serviços, públicos e privados, que lhes são tributários, agindo como *satisfatores* (MAX-NEEF, 1991). Estes não são biunívocos, malgrado congruentes, nem inexoráveis, nem esta trama é estática, de ano a ano. No caso do 2 de Fevereiro, encontramos a higiene pessoal, o consumo, a diversão e a transcendência. Somente para efeito de contraste, é comum nos eventos da juventude – tais como encontros estudantis e *jamborees* do escotismo – haver uma *infra-estrutura do habitar*, com alojamento, refeições e higiene pessoal<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> No 2 de Fevereiro, por exemplo, temos *shows* gratuitos promovidos por estabelecimentos particulares, com mecânico aberto ao público por bares fixos e temporários, atrações internas exclusivas aos clientes (ainda que com área de consumo ocupando área pública), festas particulares em bares e restaurantes, casas vazias, áreas abertas particulares com construções efêmeras, pousadas e hotéis, com programação interna e serviços vários, camisa exclusiva para participantes, às vezes com visão privilegiada do cerne do evento, organizado por empresários ou políticos. Tais festas, embora paralelas ao evento público, têm seu impacto.

<sup>15</sup> Já que participantes diferentes de uma ocasião social podem desempenhar papéis bastante diferentes, talvez fosse possível argumentar que o que é uma ocasião de prazer para um indivíduo pode ser uma ocasião de trabalho para outro, como no caso do convidado e do criado numa festa. Não obstante, não se justifica uma relatividade excessiva. Por maior que seja a diferença que os participantes possam sentir em relação a uma ocasião social passada, eles podem supostamente concordar sobre que tipo de ocasião eles estão falando. Além do mais, aquele que precisa trabalhar durante uma ocasião definida para o prazer ainda sabe que seu trabalho o localiza numa ocasião de prazer, e não numa ocasião séria, e o fato que isto ocorre é uma importante contingência do emprego para ele. (GOFFMAN, 2010, pag. 30).

<sup>16</sup> Esse foi o problema do festival de Woodstock, em 1969: sua infra-estrutura – a trama de serviços – orientara-se somente para o *show*, e não para o habitar coletivo para uma multidão em plena zona rural.

## AS ENVOLTÓRIAS E OS PORTAIS

O PEC, estudo e proposição em um evento cuja coluna vertebral é um desfile de palcos rodantes em percurso fixo, identifica uma sucessão de *envoltórias*, camadas relativamente estáveis no espaço urbano que se caracterizam por diferentes atividades (CARVALHO et al, 2012). Aqui há uma inovação tremenda. No Urbanismo, o indicador, e a metonímia, das atividades humanas é a tipologia edilícia, e mesmo eventuais sinaléticas, como placas e similares. Um evento apóia-se menos nos elementos fixos e mais nos semi-fixos e proxêmicos. O indicador daquelas envoltórias passava a ser a *densidade humana*, que era sinal e característica ambiental marcante<sup>17</sup>. No entanto, o 2 de Fevereiro ocorre somente uma vez por ano, e não tem essa estrutura linear de cortejo ou desfile. Sequer tem um foco fixo, na maior parte de sua ocorrência. Não aparenta ter uma forma clara de atividades. As envoltórias ainda não são suficientes para descrever o 2 de Fevereiro.

O fundamental é que há uma transição da cidade cotidiana para o território do evento, até seu cerne, onde a lógica é própria, e distinta do restante da cidade.

Uma esfera mais distante é um tanto difusa, onde estão os estacionamentos, locados e gratuitos, públicos e privados, legais e ilegais. Com impactos, às vezes severos, no trânsito local<sup>18</sup>.

O limite mais claro está onde o tráfego se modifica oficialmente. Primeiro, por uma súbita opacidade da área do evento aos veículos, criando um *trânsito de contorno* ao seu perímetro. A opacidade não é absoluta: há um *controle de fluxo*, seleção criteriosa de quem tem direito a entrar na área com veículo. Essas medidas permitem a própria existência do evento. O contraponto à mudança do trajeto dos veículos está no desembarque localizado de passageiros do sistema de transporte coletivo e o acesso geral do público, a pé, em pontos específicos.

Essa é a base do conceito de *portais*, também herdado da experiência do PEC.

A natural conformação da cidade, do relevo acidentando ao seu traçado de quadras e vias de conexões a intervalos irregulares, reforçado pelas linhas do transporte coletivo, acaba por afunilar o fluxo de foliões em pontos específicos, operando como grandes “entradas” do evento – os portais. À maneira de um rio, os fluxos de foliões vão convergindo na medida em que se aproximam do evento. Esta distribuição gradual do fluxo sofre incrementos pontuais expressivos em paradas de ônibus próximas. No caso do Carnaval, há uma mudança temporária nas paradas e linhas de ônibus, e algumas paradas operam como grandes praças de embarque e desembarque de foliões. Pode-se ver a identificação de tais elementos no 2 de Fevereiro na Figura 1.

<sup>17</sup> No caso do Carnaval de Salvador, entendeu-se que havia três zonas, caracterizada pela densidade humana: Áreas de Grande Densidade; Áreas de Média Densidade; e Áreas de Baixa Densidade que têm como densidades referências: 6 pessoas/m<sup>2</sup>, 1 pessoa/m<sup>2</sup> e 0,2 pessoas/m<sup>2</sup>. (EMTURSA, 2002).

<sup>18</sup> Em última instância, o 2 de Fevereiro, como outros eventos, repercute pela cidade especialmente a partir do tráfego, em ondas de choque que afetam outras áreas. E, de modo um tanto irônico, pelo esvaziamento de certas áreas usualmente repletas, em especial em um final de semana em pleno verão, como o Porto da Barra. Mas não temos, por enquanto, os métodos para auferir isso.

Figura 1 – Identificação dos portais e fluxos no 2 de Fevereiro.

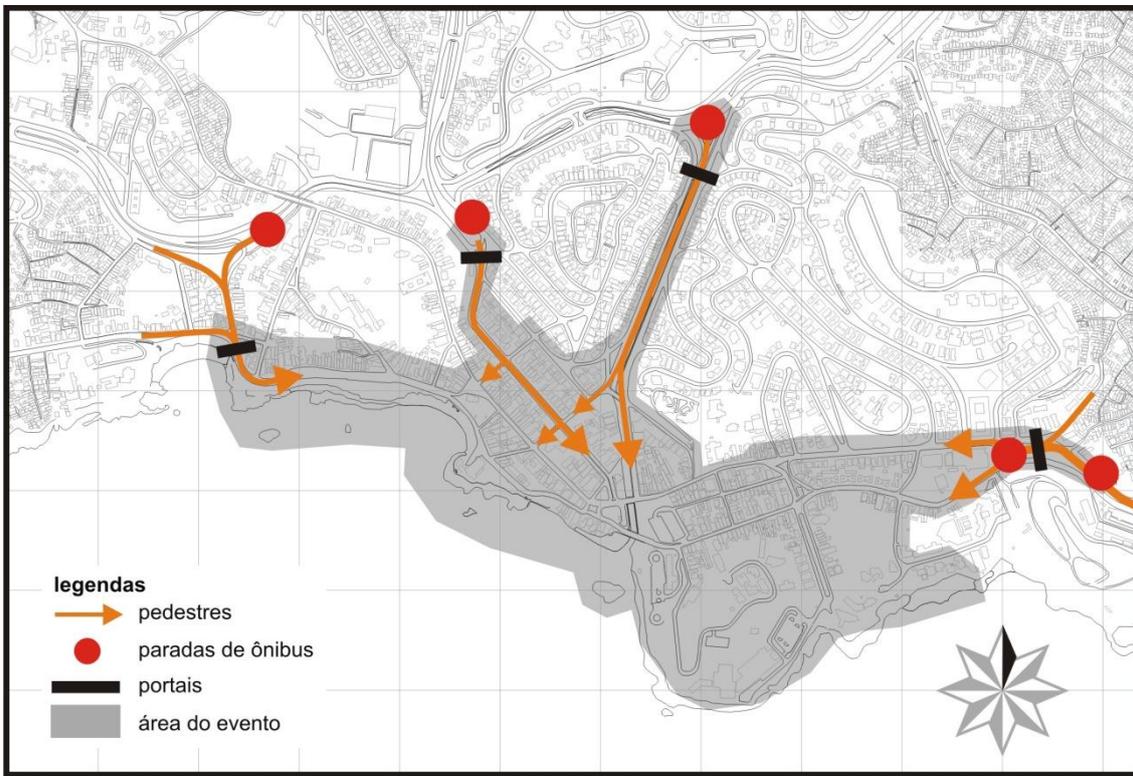
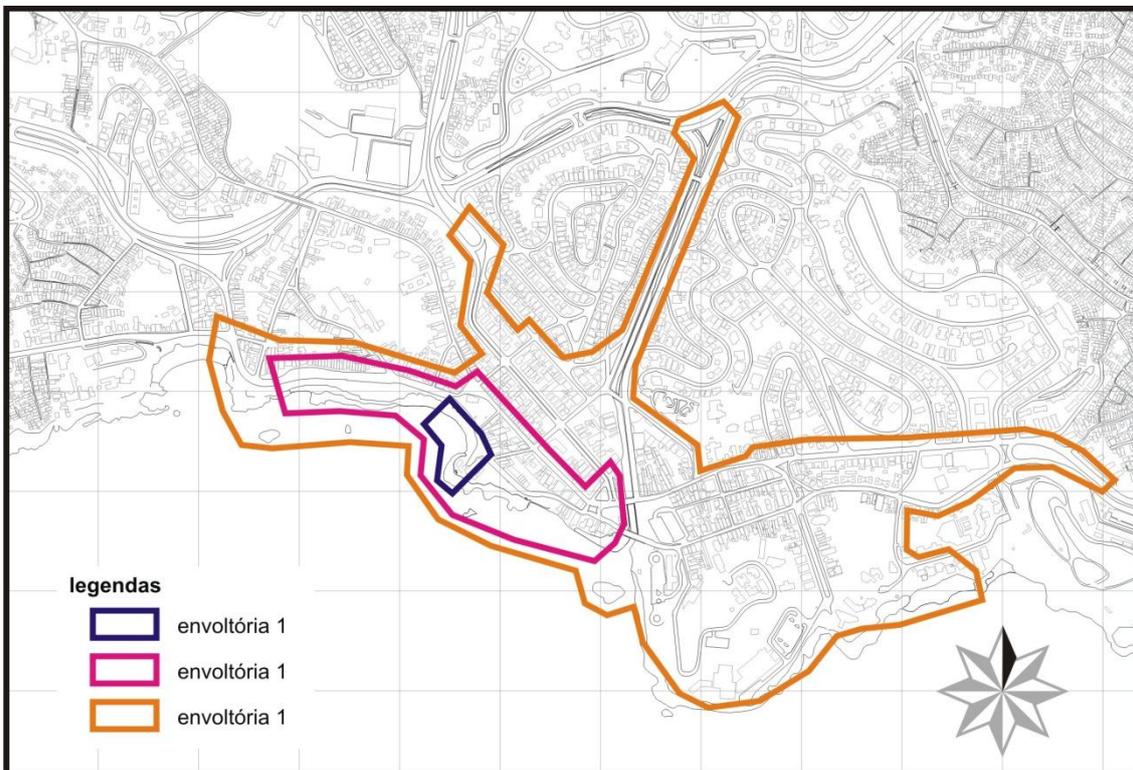


Figura 2 – Identificação das envoltórias no 2 de Fevereiro.



Outro indício claro, e não coincidente, é o *comércio* dedicado ao evento: expansões e adaptações do comércio local; construções temporárias de iniciativa estatal ou privada, e aquele constituído de vendedores ambulantes, o mais volátil de todos, que, alastrando-se do centro e de pequenos pontos preferenciais – como paradas de ônibus, as defensas da mudança de trânsito, canteiros centrais, entre outros – formam um *corredor de serviços* que recepciona o folião (PAZ, 2013). Ademais, há os serviços públicos: elementos inertes como sanitários, iluminação, decoração, e postos de funcionários dedicados ao evento (bombeiros, policiais, fiscais, etc.). Aquela trama de serviços – os satisfatores das necessidades temporárias do evento – e sua diferença são indicadores, e constituintes, das envoltórias (Fig.2).

Há uma ambigüidade, na medida em que certos aspectos do evento são altamente voláteis, enquanto a infra-estrutura física, e principalmente estatal, é um tanto ossificada. Assim, a mudança de tráfego é um dado constante, a partir de um momento. Porém a ocupação do solo – com o comércio dedicado, por exemplo, e os fluxos de devotos e foliões - por conta da festa pode ser, no seu início, menor que o perímetro delimitado pela mudança no trânsito. No seu auge, invariavelmente é maior. Há, ainda, uma tensão implícita na distribuição dos serviços públicos. O que seria o ideal colide, necessariamente, com a condição física de usar os raros espaços abertos da cidade. Assim, as áreas disponíveis é algo a se considerar quanto à trama de serviços no perímetro do evento.

### AS ZONAS DE ATRAÇÕES

O 2 de Fevereiro não tem uma forma geral, clara e nítida, nem uma composição de atividades igualmente claras que se concatenem em uma programação. Daí identificarmos situações que chamamos de *atrações*<sup>19</sup>. Interessante que estas não são isotrópicas. Mesmo dentro do que chamamos de *perímetro real* do evento, os serviços se distribuem de forma irregular, como, as atrações e o público, em mútua realimentação.

Tomemos o adensamento humano como um indicador. Este se dá em duas circunstâncias. A primeira, na forma da *circulação* nos “gargalos”, onde o caminho aberto se estreita e o fluxo se torna mais lenta, e nos “cruzamentos”, onde fluxos de sentido diverso se encontram. Basicamente, tal situação se dá quando se está chegando ao evento, ou mais propriamente a um sítio específico, já que o movimento é centrípeto<sup>20</sup>. Na ocasião inversa, quando este é centrífugo, tende a não ocorrer. A segunda circunstância é a da *estadia* em um lugar de interesse. A razão da estadia em um dado lugar pode se dar por ser tradicional ponto de encontro de amigos. Mas, para grupos maiores, o motivo são as *atrações* de que falamos antes. Algumas são de pouca duração, outras mais estáveis.

Cada uma delas possui um “perfil” particular; do contrário, teríamos, pela homogeneidade, o ganho de uma forma ao evento<sup>21</sup>. As características particulares de cada atração, e seu *ethos*, têm certa estabilidade e um caráter auto-seletivo: os presentes desejam esse perfil, e evadem de atrações com perfis distintos. Outro aspecto importante é que os presentes *são* o próprio

<sup>19</sup> No núcleo histórico do evento, a primeira envoltória, há uma série de atividades que lhe dão a tônica imagética: a Alvorada, a fila dos presentes, o cortejo marítimo, e a multiplicidade de pequenos rituais religiosos que são homogêneos à distância - no colorido, nos toldos, no perfil da atividade. Ainda assim, não é suficiente para ditar a atividade dos foliões, no evento como um todo.

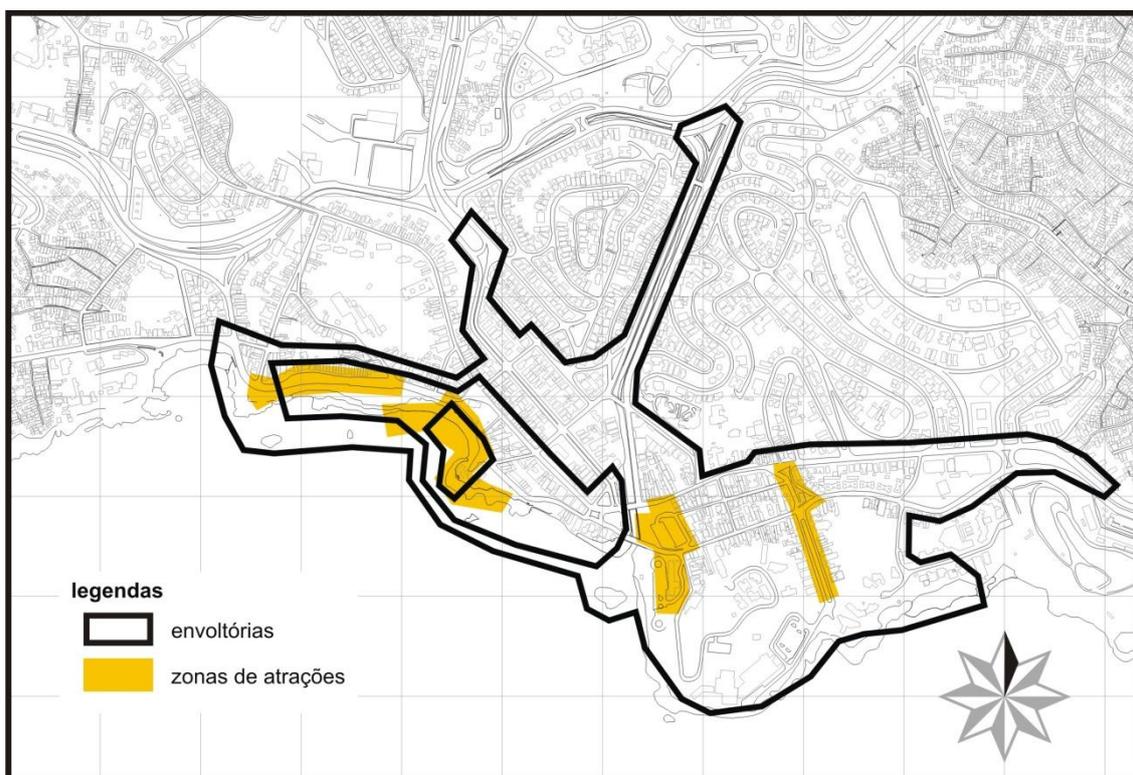
<sup>20</sup> Em Rios & Magalhães (2008) encontramos uma análise refinada sobre a movimentação dos pedestres em grandes eventos de rua.

<sup>21</sup> Novamente, estamos a lidar com fenômenos que, de difícil descrição, nem por isso são menos importantes para as decisões dos presentes ao evento.

ambiente, e podem ser o motivo de rejeição ou atração de pessoas. Daí que o público tende a consolidar-se com certo grau de similaridade. A heterogeneidade absoluta da atração não estabilizaria um público.

A variedade de atrações, quanto à sua forma, ocorre de forma pulverizada, sem dar a tônica do evento. No entanto, encontramos pólos, áreas que atraem mais foliões, criando a ossatura comportamental do evento. Estes pólos correspondem aqui a *zonas de atrações*, lugares que concentram mais atrações, sem que uma em especial predomine. Estas zonas apresentam um perfil global, uma espécie de média a partir do perfil das atrações que lhe fazem parte (Fig.3).

Figura 3 – Identificação das zonas de atrações nas envoltórias do 2 de Fevereiro.



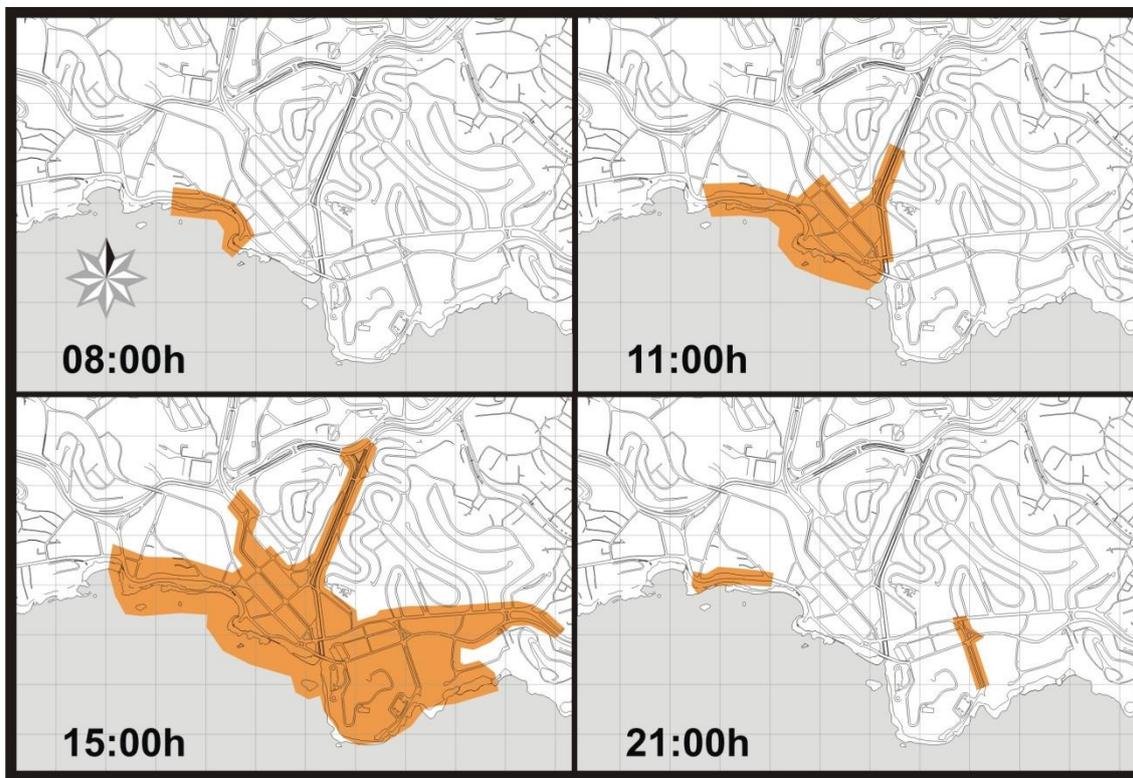
#### 4 AS FASES DO EVENTO

Os espaços temporários fazem parte de um *evento*. O corolário, óbvio, é que possui um início e um fim. Perceptíveis, mas nem sempre momentos nítidos<sup>22</sup>. O 2 de Fevereiro apresenta um começo oficial, com a Alvorada, aos primeiros raios de sol, e a imediata queima de fogos; não possui um término oficial, com uma dissolução, apenas.

Naqueles eventos com forma composta, a programação indica claramente as fases do evento. Um evento um tanto difuso, como o 2 de Fevereiro demonstrou ser, exige outra abordagem. Uma delas está na pulsação das zonas de atrações, eixos do evento, que possuem sua dinâmica própria, sem necessária sincronização.

<sup>22</sup> Um caso curioso de evento cujo ápice tem uma hora precisa – a mais precisa possível – são os festejos da Virada do Ano.

Figura 4 – Variações do perímetro real do 2 de Fevereiro ao longo do dia, em horas específicas.



Outra e a *alteração da orientação geral do evento*, que não necessariamente se dá em todos os eventos. Mas tal duplicidade entre a Devoção e a Festa encontra-se em praticamente todas as festas de largo. Também a Lavagem do Bonfim possui uma feição de Devoção e outra de Festa, com a transição marcada pelo rito religioso que encerra o cortejo.

O binômio *sagrado-profano* merece atenção. Os ritos religiosos majoritários no 2 de Fevereiro não possuem em absoluto o caráter de constrição e penitência. O sagrado não é incompatível com a festividade<sup>23</sup>. Ao contrário, podem ser vistos como um tipo de festividade, e, de certa forma, comutados para a festa, já que a percussão e as danças podem ser adaptadas ou assimiladas quase integralmente em sua forma, e mesmo desempenhadas pelos mesmos indivíduos. Nem o profano é mal-visto como licenciosidade condenável. A diferença aqui não implica em uma polaridade conceitual, coerida em um evento sincrético. E sim em atividades de perfis e ênfases diferentes, que se sucedem e mesmo convivem lado a lado em sua transição.

Importante metodologicamente é a mudança da orientação do evento. Ela é nítida, mas não súbita.

O 2 de Fevereiro tem esse componente curioso, que é a transformação física do evento enquanto ocorre a alternância da orientação. Com a progressiva instalação do comércio de rua que atenderá à Festa<sup>24</sup>, e suas estruturas de apoio; a montagem dos pequenos palcos para

<sup>23</sup> Nem é a transcendência dessa Devoção algo que implica em uma imersão pessoal ou processos catárticos, ao menos para a grande maioria. É um tanto mais mundano. Um difuso bem-estar por presentear a deusa, cumprir o serviço e fazer parte desse grande rito coletivo. Como se vê, longe de ser incompatível com a festa.

<sup>24</sup> O comércio de rua, repetimos, é um indicador poderoso do perfil das fases do evento: tanto pela sua área de atuação, como pelo perfil dos produtos oferecidos.



shows gratuitos na mesma manhã do dia 2; a sucessão de usuários, de devotos a foliões; e a concomitante mudança do perfil do evento. Na metamorfose da larva em imago, em certos insetos, não há uma transformação de cada célula, mas sim uma substituição. As células do futuro imago, as *imaginais*, são minoritárias na fase larval. Então crescem, até tornarem-se elas as majoritárias. De modo análogo, o futuro comércio de rua da festa profana se instala nos dias anteriores. Nas primeiras horas do dia 2, estavam em *stand by*, entrando em cena quando o perfil profano da festa emergiu. Não há sequer uma substituição completa: certos ritos religiosos não apenas não desaparecem como se expandem. No entanto, tornam-se laterais diante da envergadura da festa profana.

## 5 CONCLUSÃO

Defendemos que o estudo do ambiente construído efêmero, na forma dos eventos – e, neste caso, dos eventos de rua – necessariamente aborda não apenas os elementos físicos, mas a unidade integral entre ambiente, incluindo seus aspectos intangíveis, e o comportamento humano.

A partir do exemplo do 2 de Fevereiro, na falta de uma unidade ecológica clara, partimos dos conceitos de ocasião social, *ethos* e situação de Erwing Goffman, como maneiras de lidar com aqueles eventos que não apresentam uma forma clara, unitária ou composta. Quando composto por uma multiplicidade de atrações, sem homogeneidade no formato e sem a hegemonia de um tipo específico sobre o conjunto do evento.

A análise da estrutura espacial do evento, por sua vez, trata de identificar sua orientação, o conjunto de necessidades e satisfatores coletivos, as envoltórias e aquilo que lhes caracterizam, os portais de acesso de seu público e, para tais eventos heterogêneos, se, onde e quando as atrações se agrupam em zonas que, com alguma coerência de perfil, dão a sua estrutura.

E, a fim de identificar as fases do evento, em especial para aqueles mais amorfos, a atenção na pulsação das zonas de atrações, e nas possíveis modificações de sua orientação.

Este é ainda um começo. O estudo dos grandes eventos de rua – de seus objetos mínimos aos efeitos territoriais – constitui todo um continente a ser explorado.

## REFERÊNCIAS

- BANHAM, R. *The Architecture of the Well-Tempered Environment*. 2ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- BARKER, R.G. *Ecological Psychology – concepts and methods for studying the environment of human behavior*. California, Stanford: Stanford University Press, 1968.
- BIRDWHISTELL, R.L. *Kinesics and Context – essays on body motion communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1970.
- CARVALHO, M.J.F.; MAGALHÃES, M.T.; GALINDO, E.P. Megaeventos de Rua: a contribuição teórica e metodológica do Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador (PEC) para o planejamento dos eventos e das cidades. In: *Pluris 2012 - Planejamento Urbano e Regional, Integrado e Sustentável*. Brasília: 2012.
- EMTURSA – Empresa de Turismo do Salvador. *Termo de Referência do PEC – Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador*. Salvador: PMS/ EMTURSA, 2000.



- EMTURSA – Empresa de Turismo do Salvador. *Relatório de Trabalho de Campo do PEC – Plano de Estruturação Físico-Ambiental do Carnaval de Salvador*. Salvador: PMS/ EMTURSA, 2002.
- GOFFMAN, E. *Comportamento em Lugares Públicos*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.
- HALL, E.T. *A Dimensão Oculta*. 1ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005, 1ed., 258p.
- LEWIN, K. *Teoria de Campo em Ciência Social*. São Paulo: Editora da Universidade da USP, 1965.
- MAX-NEEF, M.A. *Human Scale Development*. New York: The Apex Press, 1991.
- MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. 3ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.
- PAZ, D. Arquitetura Efêmera ou Transitória: esboços de uma caracterização. In: *Arquitextos, revista digital do Portal Vitruvius*, n102, ano 9, nov 2007. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97)> Acesso em 13 abr 2014.
- PAZ, D. O Lugar Evanesciente: características da arquitetura efêmera no sítio. In: *Anais do II Encontro Nacional da ANPARQ – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. CD-ROM, ISBN 978-85-63014-06-1. Natal, PPGAU-UFRN. 2012.
- PAZ, D. Já é Carnaval, Cidade. In: *Anais do Seminário Urbanismo na Bahia*. urbBA[13], Salvador (BA), 6 a 8 de novembro de 2013. Salvador: PPGAU-FAUFBA/ Lugar Comum, 2013.
- RIOS, M.F.; MAGALHÃES, M.T.Q. Elementos para Análise do Fluxo de Pedestres em Mega-Eventos de Rua. In: *3º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável*, 2008. Santos: 3º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável, 2008.
- THIBAUD, Jean-Paul. Psicologia Ambiental e Política Ambiental: estratégias de construção do futuro. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 16, n1-2, São Paulo, 2005.